



Nas trincheiras francezas.—A leitura do *Bulletin des Armées de la Republique*. Desenho de Georges Scott).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestatos, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).
- 3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os rueridos evs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com proce sos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazgo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazgo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Estampas

para enthronização do S. Coração de Jesus.
pressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 remis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»

BRAGA

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

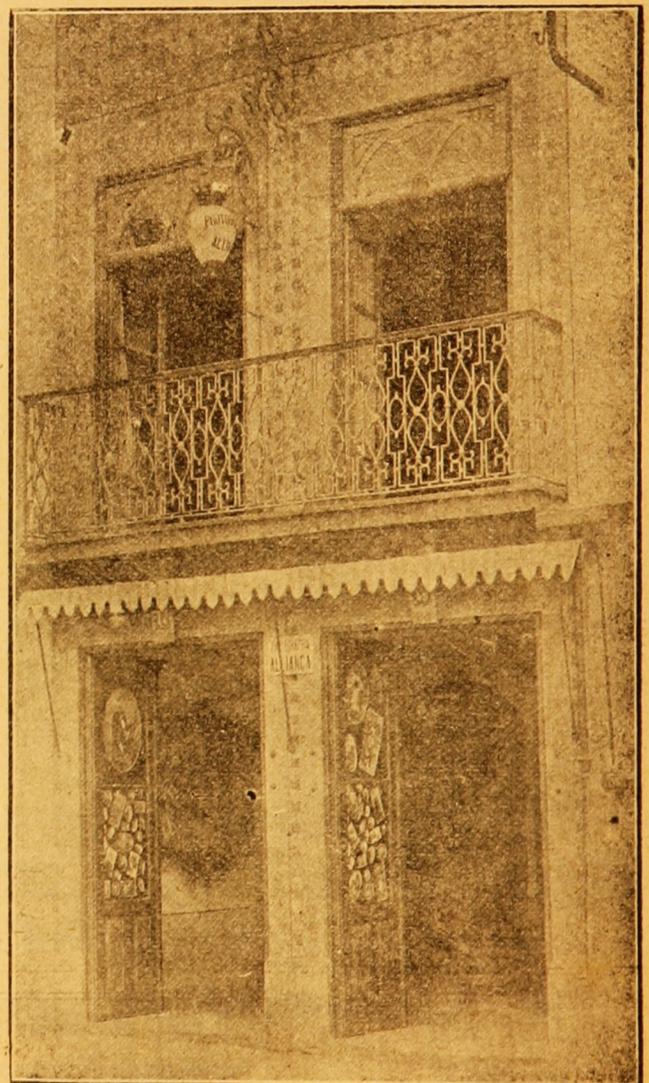
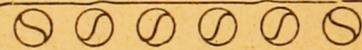
BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44. Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA

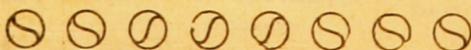




ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Yelloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 16 de Fevereiro de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 242—Anno V



O Principe siamez Amoradbut, acompanhado por varios officiaes procedentes de França, Inglaterra, Portugal, Norte da America e Romania, contemplando o vôo d'um aeroplano nos arredores de bens.

CHRONICA DA SEMANA

. Ça ira!...



DOMINGO de Entrudo. Não sei quantos ventres lambeu hoje a lingua vêrde da epidemia. Sei apenas que ás 3 da tarde quatro macas rodaram sobre o granito das vias publicas, caminho do Bomfim,

O centro citadino pejado de povo, e as lojas que annunciaram artigos carnavalescos, cheias de freguezes. Pelas janellas, senhoras e meninas atirando serpentinas, bombons e papelinhos, e cá em baixo, maltas de rapazes foliões, numa maioria estúpida de basbâques e umas quantas mulhêres entrajando de viannezas ou de qualquer outras figuras...

Logo á noite, pela certa, *cinemas* e *theatros* vão regorgitar de povolêu. Hoje, amanhã e depois os bailes patentearão a loucura de milhares de cabeças e a immoralidade de saia defraldada sapateando ao compasso desequilibrado das orquestas e á gritaria soez das bebedeiras.

O Entrudo descreve-se com facilidade. Basta copiar e chamar ás coisas pelos seus nomes. Não ha receio de infidelidade na pincelada ou na côr. Sempre elle foi resaibo ignobil d'essas tremendas bacanaes da antiga idade, em que se fazia da carne o altar dos sacrificios bestiaes á baixeza pôdre e dissoluta.

Hoje esses scenarios, em moderno *travesti*, refugiaram para uns clubs occultos em que a policia, vigilantissima guarda de costumes razoaveis, não quêr tocar para não ter de aferrolhar no Aljube—que mal havia n'isso, ó cidadãos!—o senhor banqueiro Fulano, o senhor tenente Cicrano, o senhor engenheiro Beltrano, a paz de algumas dezenas de filhos ditosos de *nouveaux riches*, e de uns maridos capitalistas a quem o telonio das gazêtas colossaes, de compra e venda, a cada passo denomina, a vêr se péga, honrados paes de familia... É vá de explicar que para esboçar o que se passa quanto ás consôrtes, careço eu agora de uma certa frieza e aquietação que, infelizmente, o quadro da babuje carnavalesca d'esses tempos de sacrificios pela Patria, ó Manes! rigorosamente me prohihe.

Mas cá fóra fica um espectáculo que denuncia claramente uma tendencia para o *bas fonds*. E creia-se de boa mente que ella impêlle com equal fôrça de suasão os que andam meio limpos e os luxuosos. Se o zêlo na christianisação d'uma parochia urbana fôsse directamente proporcional ao posto hierarchico de quem a valer deve a ella metter hombros quanto antes, eu diria que á frente de cada freguezia era preciso collocar não um simples padres, mas um papa!

E' trabalho de monta que faria estacar o mais apto missionerico de prêtos dos centros bravios d'África e d'America.

A demencia operou já uma reversão completa nos sentimentos e quando os velhos lavradores de bom senso se achegam ás cidades e villorios e commentam: «isto é tudo ao invéz do antigo, do nosso tempo» os velhos lavradores de bom senso tem plenissima razão, já não é só o prurido de seguir a môda, que leva ao despuadora dos trajes, aos meneios mais que languidos, verdadei-

ramente sensuaes, em machos e fêmeas, ao calão substituindo a linguagem correcta e até por vezes brilhante que distinguia as classes n'uma escala ascendente. Foi-se mais longe. Os sentimentos e as mesmas virtudes soffrêram, como nos tempos do romantismo liberal.

A fé não é a que o cathecismo ensina. A esperanza não se junta—põe áquella que irradia nos Evangelhos. A caridade é agora uma coisa diversa já não só da que Jesus quer praticada, mas até d'aquella philanthropia e solidariedade social que o racionalismo fez espalhar um pouco nela beneficencia maçonica nos meios burguezes.

D'aqui, uma força, e uma ficção. Igrejas atulhadas de povo e abandonados os sacramentos; d'aqui um materialismo infiltrando tudo e aconselhando a todos, no *struggle*, uma falta de escrúpulos total, como se a vida se resolvêsse apenas cá em baixo; d'aqui essas acomodações essas transigencias que desvalorizam, minimisando-os, os sacrificios.

Ainda ha poucos dias me contavam de um juiz de direito que em Cabeceiras, á noite, ia com um creado, distribuir esmolas e gêneros aos pobres. Passaram 40 annos, e esse juiz era um lidalgo de boa linha.

Pois agora, a caridade executa-se... bailando, dando *Soirées*, jogando o Carnaval. Ainda heide vêr rolêtas... de caridade. Se as coisas não mudam de rumo, vêl'o-hei com toda a certeza!

Eu queria que se dissesse. Ah! que senhoras abastadas, esposas dos enriquecidos pela guerra, abriam crêches e patronatos, escolas e sopas economicas, Conferencias de S. Vicente de Paulo e maternidades, nos bairros das cidades onde a miseria anda cega de raiva, fornecendo recrutas ás quadrilhas da gatunagem desaforada ou ás massas ardentes do syndicalismo revolucionario. Na semana que acaba por cinco vezes, de noite, e nos sitios mais esconsos, me abordaram mulhêres esfarrapadas pedindo, sabem o que? uma esmola para o coixão de um filhinho! Isto regêla por ser horriavelmente verdadeiro o que ás 3 da tarde, á hora em que no centro da cidade se estadeiam *toilettes* e joias em automoveis carissimos, nas extremas do burgo enorme morre gente á fome porque os ricos não são christãos, repartindo de porta em porta—como seria bello—a décima parte do que auferiram nas altas desmedidas da crise das subsistencias e lhse constitue um abastadissima superfluo!

Anda a empolar-se uma estirada onde de odios sem freio.

E porque? Porque o grande, Dôce, e comovido *miserere* de Christo não encontra corações que o sintam abysmados de dôr, nem labios que o repitam como uma benção! Culpas? A todos cabem, a todos padres e leigos esquecidos, padres e leigos que bailam... por caridade! Não mintó, é assim mesmo, é duro de roer mas é assim!

Os condemnados ás profissões liberaes juntam cada vez mais a sua voz de reclamações ás do proletariado.

Amanhã acordaremos ao levantamento em massa de milhões de famintos, rouquejando uma *internacional blasfema*, aos clarões de um poente de incendios!

F. V.

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Carnaval.

PARA uso e abuso de certa imprensa, existe sempre uma estafada serie de logares communs, com que os mais palavrosos periodiqueiros, enfeitam as suas chronicas e artigos. Assim como um leitor é sempre *constante*, um assignante *presado*, *saudosissimo* o mais odiado defuncto, *venerando* todo e qualquer homemsinho de Deus, passante dos setenta, *notavel*, *illustre*, o mais vulgar plunitivo, tambem um casamento é sempre *auspicioso*, uma primavera *maviosa*, modesta refeição *banquete lauto* e um entrudo uma folia pegada—*tres dias d'esfusiante alegria*, *tres dias fóra da lei*, *da convenção*, *de tudo*, *tres dias á margem* afinal, como soe dizer-se por ahi, e agora mesmo leio no artigo inflamado d'um articulista entusiasta, que de tal fórma sauda o vindouro entrudo.

Tres dias á margem de tudo! Mas o articulista enganou-se, porque fóra da lei e á margem de tudo temos nós vivido, não tres dias mas sete annos de pandega pegada e d'entrudo perpetuo; e começo eu a perceber por que tanta gente mascarada tenho encontrado no meu caminho.

Ha sete annos afinal, que vivemos á margem de tudo, fóra da lei e do senso commum, n'um eterno desvario, n'uma farandola de loucuras e de violencias, ameaçados de todos os perigos, vexados de todas as humilhações, n'uma entrudada pegada, a que não faltou, para maior lustre, o cordeal capanga, com os seus espaventos os *travestis*.

Ha sete annos que uma hordá desluzida de sub-mediocres tem andado e desandado nos destinos d'esta infeliz terra, mascarados d'estadistas, impingindo panacêas salvadoras, comendo á larga na mesa farta dos recursos nacionaes.

O que tem sido afinal a vida inquieta d'esta boa e desgraçada nação portugueza, se não a esturdia entrudada plena, que sómente provocaria riso e nojo a não ter como certas mascaradas um fim tragico e fatal? Sete longos annos d'entrudada e de folia, com cêgadas varias de viajatas e jan-

tares, de brodio e comezaina orçamental, de contractos ruinosos e negociatas sujas, que nem mesmo o snr. Sidonio consegue demascarar com os seus bons propositos de mostrar que o regimen está afinal na sua *Cinza*, no limiar da sua quaresma de penitencia e arrependimento, porque lá está o grão-mestre do interior, pae putativo de toda esta carnavalesca folia, mandando encarcerar o presidente d'uma camara do norte, homem brioso e limpo, que de criminoso teve apenas a generosidade de mandar apagar d'uma esquina, os vestigios d'um coice demagogico, do seu predecessor.

Carnaval, Carnaval perpetuo tem sido estes longos e arrastados mezes onde tudo, tudo, homens e coisas, farandolam desveirados como líteres de pantomima de circo, como desvairados *dominós* de baile fadista e relles.

Em Carnaval perenne vivem os coripheus d'esta cêgada esturdia, o Bernardino a fazer de Rei no exilio, o Chagas a fingir de branco e o Camacho, mascarado d'arrependido, a blasphemar contra a separação, que elle assignou e que agora repudia, por calculo manhoso de já sedição *truc* eleitoral.

Entrudo, Entrudo folião, em que a maioria do paiz, que não é — Deus louvado! — republicana, tem andado mascarada de verde e encarnado, de barrete phrygio e alma demagôga, a fingir de radical e de feroz.

Entrudo, Entrudo, e do mais luzido, com cêgadas pomposas, com guarda-roupa do Amieiro e *adresses* do Banco de Portugal, em que uma legião d'anodinos bachareis, tem andado mascarada de força, d'intelligencia e de valor, a tripudiar sobre uma nação inteira.

Isto sim que é Carnaval e do melhor do mais folião, do mais tragico tambem. E o articulista a considerar só d'entrudo esses tres dias em que ha mais juizo porque nada se faz, e a não querer ver que em entrudo perpetuo temos vivido e viveremos, se o paiz não se resolve a arrancar a mascara aos histriões e a penitenciar-se tambem, na sua cinza, na sua quaresma d'arrependimento.

SERÕES AMENOS

XXI

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

Aventuras do alphabeto

NÃO entendo competir nesta defêsa das mulheres com aquelle frade benedictino do seculo XVII, D. Coffiaux, que soube escrever quatro tomos sobre *La défense du beau sexe*.

Apanhando, porém, de novo o assunto pelo ponto onde começámos, perguntarei ao sr. *Joavelino*: se o *h* tão perversa letra é, que influencia terá sobre o *homem* cujo nome commum começa precisamente por *h*?

Não negarei que a mulher muita vez foi para o homem a porta do inferno, assim como uma mulher é invocada e venerada, por todo o orbe catholico, chamando-lhe porta do ceu: *Janua caeli*. Mas não convirá que o homem se envaideça muito porque... o mal não vae de *h* a menos ou *h* a mais —mas nasce da livre vontade humana de aspirar para cima ou aspirar para baixo. E quando esta ultima prevalece, entre o homem e a mulher venha o diabo e escolha!

Prometti invocar S. Jeronymo; aqui o trago em dois passos que recordeo.

No primeiro mostra-nos a mulher, de facto, collaborando na ruina de numerosos heresiarchas. E' uma carta a Ctesiphonte.

No segundo, porém, conta-nos o caso estupendo que vou narrar, para edificação nossa e *d'ellas*.

**Rem dicturus sum incredibilem...*—Vou contar uma coisa incrivel — escreve o santo doutor a *Ageruchiam*—vou contar uma coisa incrivel, mas comprovada pelos testemunhos de muita gente. Aqui ha muitos annos, quando eu, em Roma, na secretaria ecclesiastica, auxiliava a Damaso, bispo da cidade de Roma (e nosso compatriota, direi de passagem, *si vera est fama...*) e respondia a consultas synodales do Oriente e do Occidente, vi dois individuos que se equivaliam, de ultima condição plebeia, elle, que já tinha sepultado vinte mulheres com quem casara, ella, que já ia no vigesimo marido—e casaram, pela ultima vez, segundo elles mesmos julgavam. Havia grande expectação assim entre os homens como entre as mulheres, para se ver qual dos dois é que primeiro, depois de tantas luctas, levaria á cova o outro. Venceu o marido, e rodeado de todo o povo da cidade, que affluira ao enterro, levando na mão uma palma em signal de vic-

toria, precedia o feretro da mulher multinuba, no meio das acclamações que de todos os lados lhe dirigiam.»

Eu benzo-me com ambas as mãos!

Um padre jesuita francês, Gilberto Jonnin, poeta latino, compôs sobre o caso uns versos jocosos, em que depois de confessar modesta e implicitamente que aquella mulher fora valorosa,—e que valor para aturar successivamente 20 maridos! —conclue que eram dignos um do outro:

Illa conjuge dignus hic maritus

Nec conjux minus hunc decet maritum!

E nisto resumo tambem o meu parecer nesta contenda. Tanto com Deus, como sem Deus, somos dignos uns dos outros—e o *h*, se alguma razão tem de ser invocado é por certo parallelismo com as funcções que exerce no alphabeto. Mais aspiração que letra, sósinha não tem valor proprio; unida ás outras letras altera-lhes o dellas, melhorando-o ou peorando-o, conforme a natureza da aspiração. Assim somos nós; isolados, somos muito boas pessoas, nós e ellas; unidos em sociedade, somos o que as nossas companhias fazem de nós.

Assim o entendia certo academico da *Academia dos Intrepidos*, na Italia. Esta academia — uma das tantas de nomes caricatos — adoptara por symbolo um prelo typographico, com uma caixa e as letras do alphabeto nos seus caixotins. Ora um dos *Intrepidos*, para sua divisa particular tomou o *h*, com o lemma latino: *Si caeteris addar*: «se me ajuntam aos outros», querendo dizer, modestamente: como o *h*, de per si, nada vale, assim eu, de minguado intellecto, só do consorcio com os outros academicos tirarei valor!

Ora se alguém escreveu, dos homens, que nunca saíra do convívio delles que se não sentisse peor do que viera — com que direito nol-o podem repetir as mulheres! *Cherchez la femme!* — dizemos nós, quando tememos que o investigador naturalmente descubra em nós o verdadeiro auctor do mal.. Já no Paraizo Adão, nas desculpas, teve o atrevimento de deitar as culpas não só para Eva, mas até para Deus que lha dera: — *mulier quam dedisti mihi*: essa mulher que me deste!...



(Phot Franco)

LISBOA.—Missa por alma dos nossos soldados no dia 31 de Janeiro.
O povo em frente á igreja de S. Nicolau, durante o santo sacrificio da missa



Grupo de lavadeiras da freguezia de Talim (Braga) que esperaram o Snr. Presidente da Republica
n'aquella estação e o saudaram lançando-lhes flôres (Clichê de Joaquim Cruz)

Celorico de Basto

Festa a N. Senhora das Candeias e S. Braz



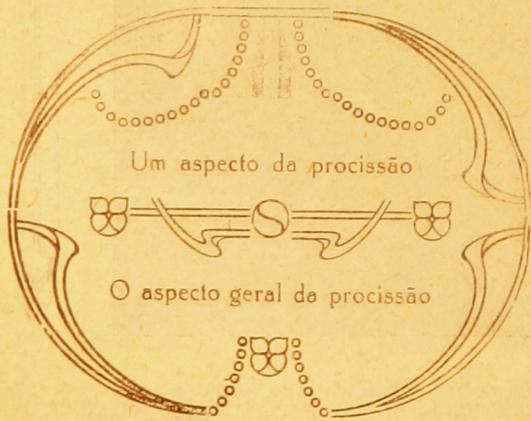
O snr José Gomes de Souza e a snr.^a D. Aurola Paula dos Santos, de Barcellinhos, recentemente consorciados no templo do Sameiro.



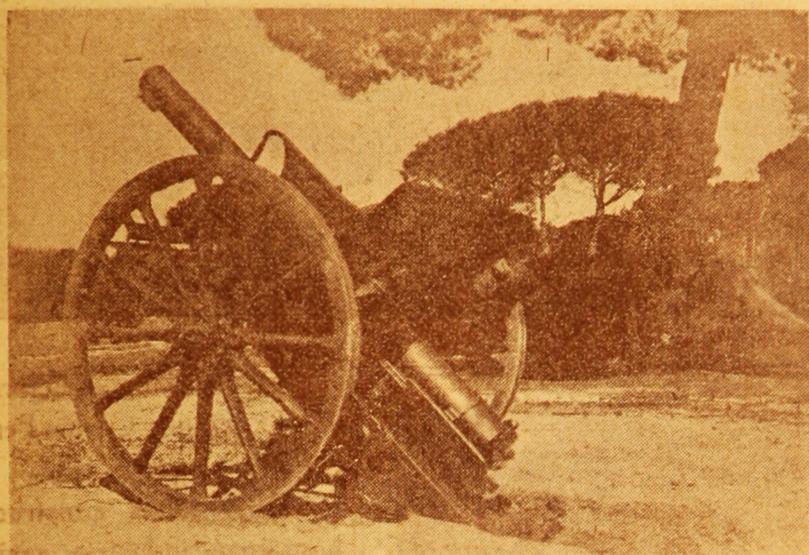
Rainha da Paz.
Gentil filha do juiz da festividade sr. Domingos Pereira Dias



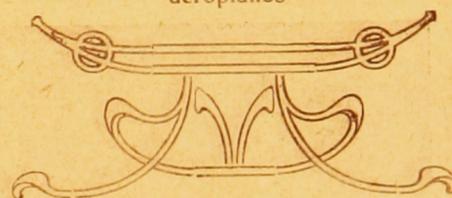
Carro triumphal



Exercito Portuguez

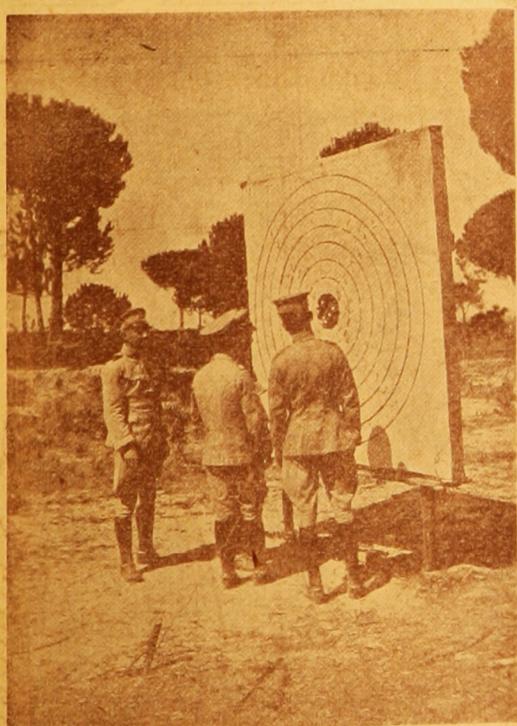


O 75 Canet em posição
contra balões
e
aeroplanos

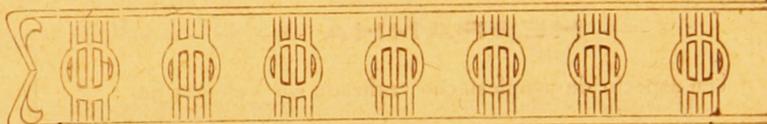


Serviços esclarecedores.

Consultando a carta do estado-maior



Tiro de pistola.
Marcando os empates.

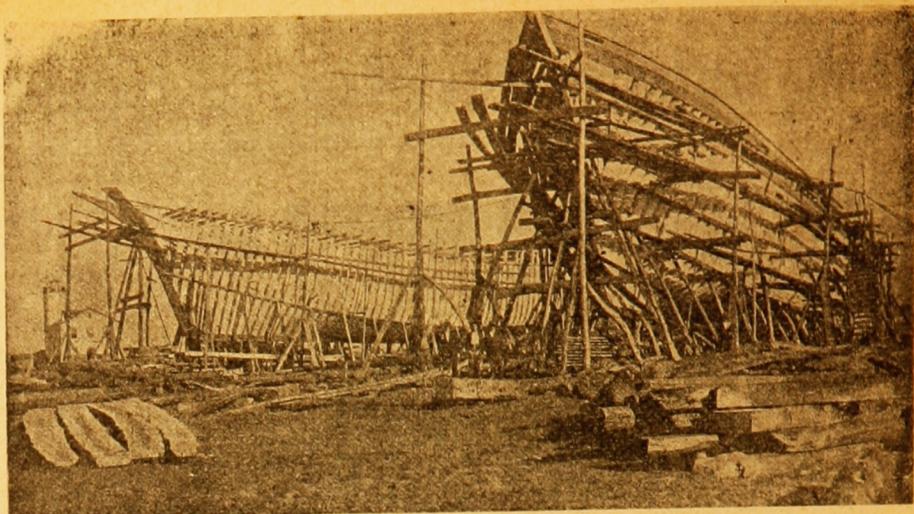


Depois duma sessão
de fogo.
A crítica

Espozende

ESTALEIROS NAVAES

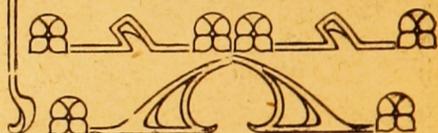
Uma vista panoramica d'estes importantes e florescentes estaleiros, na qual se vê duas grandes naves, sendo uma pertencente á Empreza de Navegação d'aquella villa, e a outra aos importantes banqueiros portuenses, Borges & Irmão.



São seus constructores os srs. Domingos Carlos Ferreira & Filho d'aquella villa.

Estas duas construcções honram a industria nacional, sendo a sua tonelagem superior a 1:000 toneladas. Estes estaleiros estão considerados um dos primeiros do paiz devido á amplidão de que são dotados.

Ao lado d'esta photographia vê-se a casa do Instituto de Soccorros a Naufragos.



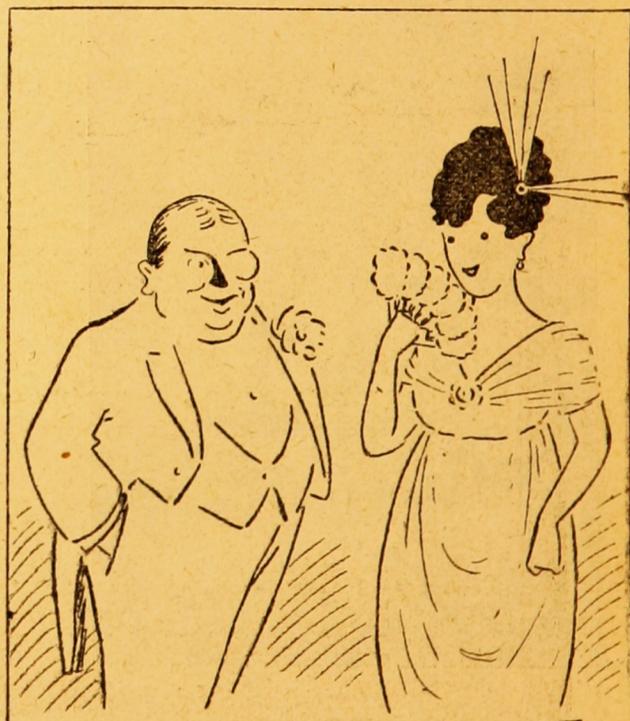
HESPAÑHA

Um aspecto da manifestação realizada em Valencia para pedir ás auctoridades o abaratecimento dos generos.

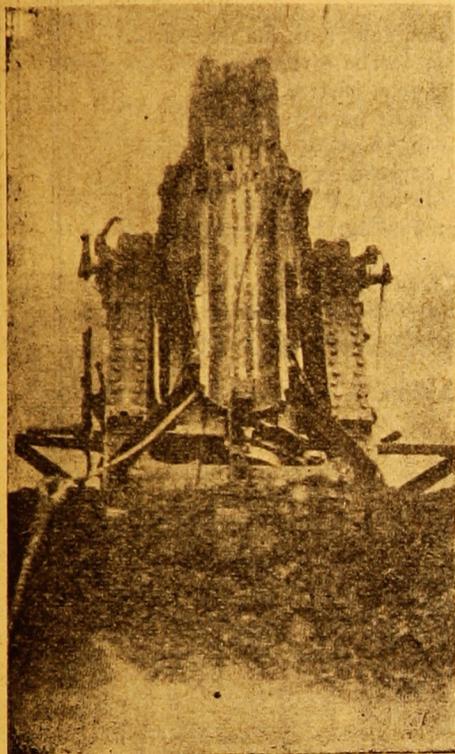
OPINIÕES

Sabe qual é a parte mais importante do vestuario de uma mulher?

—Sei, sim minha senhora: é a conta da modista!...



A Europa em Armas



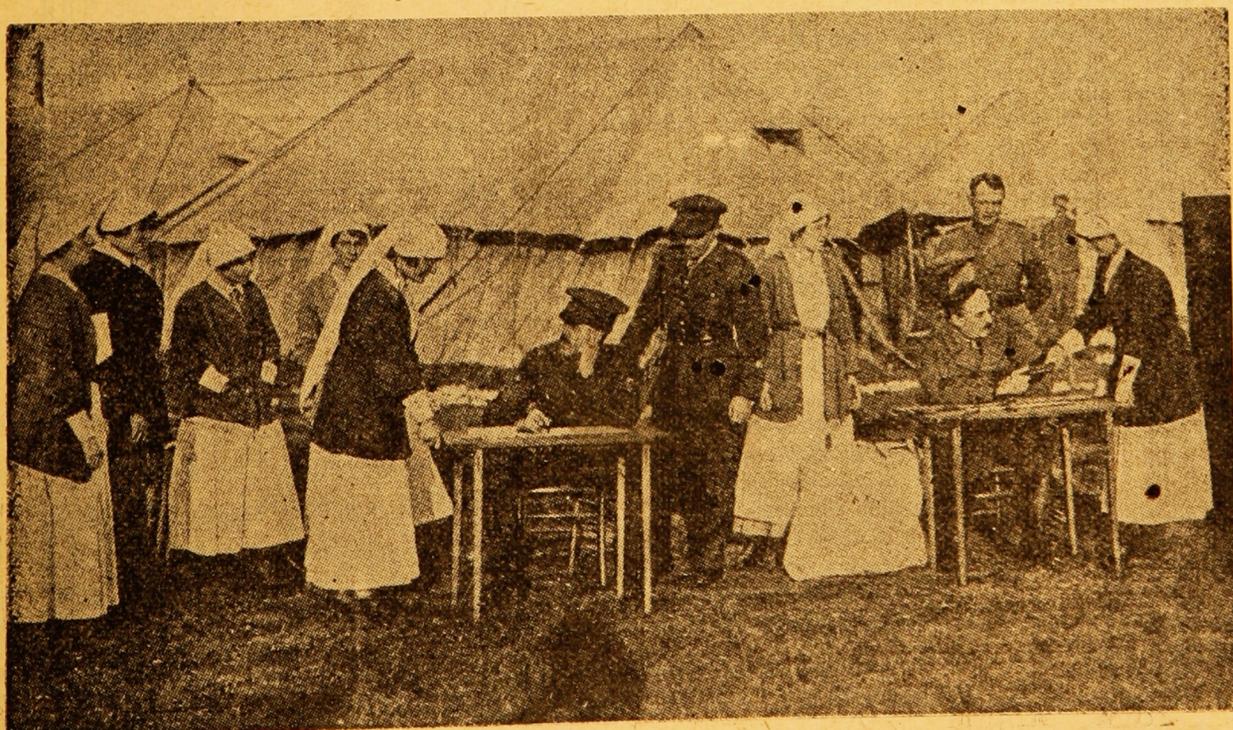
Os restos d'um canhão de grosso calibre destruído pelos allemães



O Vice-Almirante sir Rosslyn Wemyss que substituiu sir John Jellicoe no commando das forças navaes do Mar do Norte.



Buzina mecanica usada nas trincheiras para annunciarem os gazes asphyxiantes



Alistamento, voto e juramento que as enfermeiras fazem ao apresentarem-se no acampamento a que foram destinadas

QUADROS

XVI

PRANTO DE MÃE

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Augusta dos Santos Fernandes

De frente baixa, o olhar febril, pungente,
Seguia estrada em fóra, falto d'ar.
Com o medo que tem quem vai a andar
Junto á invisível, lugubre, torrente.

Noite profunda. Escuridão silente.
Vacilla a cada passo. Ao caminhar,
Julga-se envolto n'um immenso mar
Sem espumas nem ondas, torvamente.

Mas, de chofre, ha clarões, e são de estrellas...
Alguem chora e, das lágrimas ao brilho,
— Quem pudesse n'um vaso alli colhê-las! —

Vê-se a estrada, um enorme e fundo trilho...
Vertia-as muito d'alma — eu pude vê-las —
Uma mãe que chorava o amado filho.

José Agostinho.

Nossa Senhora da Lameira

Ao Ex.^{mo} Sr. João da Fonseca Achaio

Foi numa hora bem triste que eu Te vi,
O' Senhora das Dores da Lameira!
E, ao ver a Tua angustia derradeira,
Meu angustiado olhar chorou por Ti.

Ao ver-Te assim soffrer, o que eu soffri...
Tam viva, tam acerba e verdadeira
A lágrima que vem, triste e ligeira,
Do Teu olhar mais puro que um rubi

Tens no Teu coração as sete espadas:
Mas não nos ferem mais que o Teu olhar,
Tanta é a dor das lágrimas choradas...

E o Teu rosto, mais lindo que o luar,
Deixa as almas afflictas e pasmadas...
Ao vêrem Tua dor maior que o mar,

Reguengo, Lameira, 8 de Setembro de 1917.

Francisco Sequeira.

Jesus e o homem rico

Num dia em que Jesus, assombro da Judeia,
Trilhava com os seus a estrada duma aldeia,
Chega-se a Elle um rico e fala-lhe: — Rabi!
E' grande a tua fama e contam-se de ti
Prodigios de espantar: que és sábio d'entre os sábios
E que a verdade cai serena dos teus lábios;
Que sabes onde a luz do puro amor scintila:
Apônta-ma, pois quero, após de ti, segui-la,
Para alcançar os bens eternos e abundantes.
Responde-lhe Jesus — Jamais a Lei quebrantes,
Evita o adultério, e furta os fingimentos,
Sê bom para teus pais, cumprindo os Mandamentos,
A escada que nos leva ao templo da Verdade.
— Eu tenho obrado assim já desde a mocidade,
Volveu-lhe o rico. E pôz os olhos em Jesus,
Como a pedir-lhe mais ignota e viva luz.
Compadecido, o Mestre olhando o com agrado;
— Vende o que tens, lhe diz, e vem para meu lado.
E has-de encontrar no Céu muito maior tesoiro
Que a Terra toda, ainda que ella fosse de oiro.
Mas elle, cabisbaixo e triste, retirou-se,
Ensurdecendo á voz que até Jesus o trouxe,
E este exclamou então: — Ó bens enganadores!
Quantos afastareis de bens muito maiores!
E' mais facil entrar numa agulha um calabre
Do que um rico no Céu, que a opulência não abre.
Mas Deus que pode tudo e tudo fez do nada,
Mete o mar, se quizer, na minha mão fechada!

22-10-917

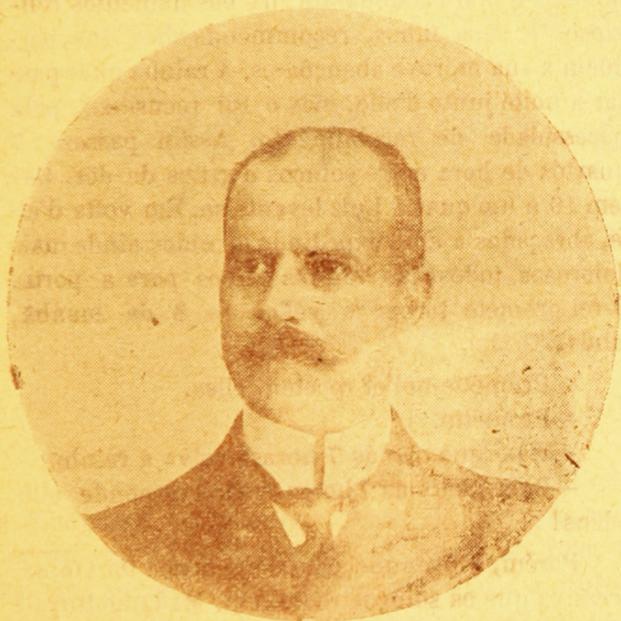
João Avelino

Visconde de Cortegaça

EM 1912 estava eu na Curia. Entre os cavalheiros que frequentavam essa estância thermal, notava-se, pela sua distincção, um, muito querido da colonia balnear, entre a qual gozava da mais viva sympathia.

Era o Visconde de Cortegaça.

Desde ha muitos annos que eu ouvia fallar no seu nome, sabendo que elle descendia d'uma antiga e muito nobre familia do Minho, a que andam ligadas patrióticas recordações, mas só então me foi dado o prazer do seu conhecimento e do seu convívio. E em bôa hora vim a travar relações com tão distincto titular.



Visconde de Cortegaça

A sympathia irradiante do seu caracter d'eleição, a firmeza das suas convicções politicas, e a sinceridade da sua fé religiosa, depressa lhe creavam dedicações e me fizeram seu admiradôr.

Já os seus patricios haviam attentado em tão preclaros dotes, dando-lhe provas do apreço em que o tinham: assim o demonstram os altos cargos que, no antigo regimen, exerceu em Vianna do Castello, onde rezide habitualmente e goza da maior consideração. Presidente da Camara Municipal, Procurador á Junta Geral e Governador Civil, no exercicio d'estas nóbres e melindrósas funcções deixou bem patente o seu superior

critério, e quanto era justificada a confiança que os seus concidadãos n'elle depositavam.

Foi no seu solar de Cortegaça, onde costuma passar a quadra estival, que eu tive a honra de o visitar n'uma das minhas ultimas digressões pelo Minho; n'esse seu querido solar, circumdado d'uma quinta esplendida, erigida em vinculo por um dos seus ascendentes, Francisco Fagundes, neto do celebre navegador João Alveres Fagundes, no começo do seculo 17, e que é tambem uma das mais nobres casas da provincia, onde vão entroncar a sua ascendencia algumas familias distinctissimas como Calheiros, Feyos, Taveiras e Silveiras (Guiães e Varzea), Abreus Coutinhos (Paço de Victorino), Magalbães, Souzas de Bordonhos, etc. Ahi, com os primôres e a lhaneza proprias do velho fidalgo portuguez, me recebeu o Visconde de Cortegaça, podendo eu conhecer *de visu* a estima e o respeito que lhe consagram os habitantes da pitoresca aldeia onde assenta o seu solar.

O illustre titular é filho de Francisco d'Abreu de Lima Pereira Coutinho, senhor do Paço de Victorino, que foi um dos mais valiosos adeptos da causa legitimista no norte do paiz, e de D. Catharina de Senna de Sá Pereira Pimenta Furtado de Mendonça. Descende, portanto, d'uma nobre casa, a que anda ligada a sympathica tradicção de, em 1580, ter dado asylo ao desafortunado D. Antonio, Prior do Crato, na sua fuga de Portugal, e está casado com a ex.^{ma} senhora D. Maria José Perestrello d'Alarcão, Viscondessa de Cortegaça, oriunda da illustre casa das Lagrimas, em Coimbra, em toda a parte bem conhecida pela lenda, que lhe anda annexa, dos amores da desditosa Ignez de Castro.

Havendo decorrido no passado dia 11 a sua festa natalicia, como a imprensa noticiou, n'estas breves linhas o cumprimenta respeitosamente quem, por ser dos seus amigos mais novos, não é dos que menos o estima, nem dos que menos o admira.

M. P.

A morte do rei

(21 de Janeiro de 1791)

TIVERAM este anno desusada imponencia as missas que em França sufragaram a alma de Luiz XVI, o rei martyr d'esse cataclismo estupendo pelo sangue pelo delirio e pelos malles intellectuaes e morais que causou--a Revolução de 89. Déram-lha o crescente movimento da reparação historica e politica que se vem operando na patria de S. Luiz, e a comparencia das tropas americanas agradecidas áquelle que por cima do Atlantico déra a mão ao movimento libertador da Norte America.

Ao lér na *Action Française* as listas dos nomes das pessoas que piedosamente acorrêram ao religioso acto em Marselha, em Bordéus e em Paris, lembrou-nos que seria um dever repôr a figura do rei-martyr no seu logar.

...17 de janeiro de 91, 8 horas da noite. O escrutinio sobre a penalidade a aplicar no rei terminára. Verginaud declarou:

—Votantes, 721; maioria 371. Pela morte, 387 votos; contra a morte ou antes pela morte condicional 334.

A *Montanha* vencêra. A' ultima hora, mas já no dia seguinte, os *Girondinos* levantáram a questão da dilação da pena. Era tarde de mais. Robespierre ameaçou. Danton votou contra. A Direita cahiu decepcionada. A seguir, De Bry virando de rumo, votou contra tambem. Seguiu-se o duque d'Orleans. Na véspera pronunciára-se pela pena de morte. A suar frio ao ouvir o seu nome, disse tambem:—*Não!* A Direita espantada e implacavel assistiu:

—*Não se ouviu bem!*, mas o principe *Egalité* repetiu covarde:—*Não!* «Nada faltou a esta tragedia shakespeareana, nada; nem mesmo esta especie de fraticidio» escreveu Madelim.

Luiz XVI, estava já separado dos seus. De la Gorce descrêve magistralmente n'essa hora suprema de renuncia a figura do fei bondoso e fraco de vontade, bem intencionado mas contradictorio e insufficiente que tendo sabido conduzir com brilho a politica tradicional no exterior, deixava-se ir, no interior, empurrado pela desordem. A provação engrandecêra-o, diz o brilhante historiador. Sómente em vez de fixar na estatura de um verdadeiro rei, levava-o para mais alto ainda, e, sem *étapes* intermediarias, erguia-o de subito ás proporções de um martyr. Desenganado de tudo, só descobrindo tre-

vas por toda a parte, o principe irava mais, na fallencia de tudo o que lhe restava, senao a completar a aprendizagem de uma morte expiadora e sancta.

Pedira 3 dias para se preparar para morrer. Mostrou-se de uma coragem serena. No dia 20 breves instantes esteve reunido com os seus. Eram 8 e meia da noite. Um quarto d' hora antes haviam-no avisado de que a familia ia descer. A porta abriu-se, e appareceram primeiro a rainha com o filho pela mão, depois, Madame Royale e Madame Elisabeth. Todos se precipitam nos braços do rei. E durante minulos ha apenas um silencio entrecortado de soluços. Os guardas fecham a porta. Luis XVI conta-lhes então o seu processo, desculpando os homens que o condenaram, dá ensinamentos religiosos a seus filhos, recommenda-lhes que perdôem a sua morte e abençoá-os. A rainha quér passar a noite junto d'elle, mas o rei recusa-se, pela necessidade de recolhimento. Assim passam 7 quartos de hora entre soluços e gritos de dôr. Batem 10 e um quarto. Luiz levanta-se. Em volta d'elle, abraçados a elle, expedindo gemidos ainda mais dolorosos, todos dão alguns passos para a porta. O rei promete tornar a vê'los ás 8 da manhã, ainda.

—Prométte-nol'o? repetem elles.

—Prometto.

—E porque não ás 7 horas? volve a rainha.

—Pois bem! ás 7 horas então, responde elle, adeus!

Porém, a pronunciação dêste adeus foi tão expressiva que os soluços redobram. Madame Royale cabe desfallecida aos joelhos do rei a que ella se abraçára. Luiz querendo pôr fim a esta scena dilacerante, dá-lhes os mais ternos abraços e arrancando-se com força dos seus braços «adeus, adeus!...» diz, reentrando no quarto...

Fiel á promessa do coração, antes de partir para o cadafalso, quiz ainda revêr os seus, mas o seu confessor, o P.^o Edgeworth supplicou-lhe que não submetesse a rainha a uma tal provação que ella não suportaria.

—Tem razão, respondeu o rei dominando a propria dôr, seria dar-lhe um golpe mortal; mais vale prival'a d'essa triste consolação e deixal'a viver de esperanza alguns momentos mais.

(Continúa)

F. d'Almeirim.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra ferrestres e maritimos, gréves, tumultos e roubos, segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião 19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sotomaior. — Agente em Braga, Amares, Povoa de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA